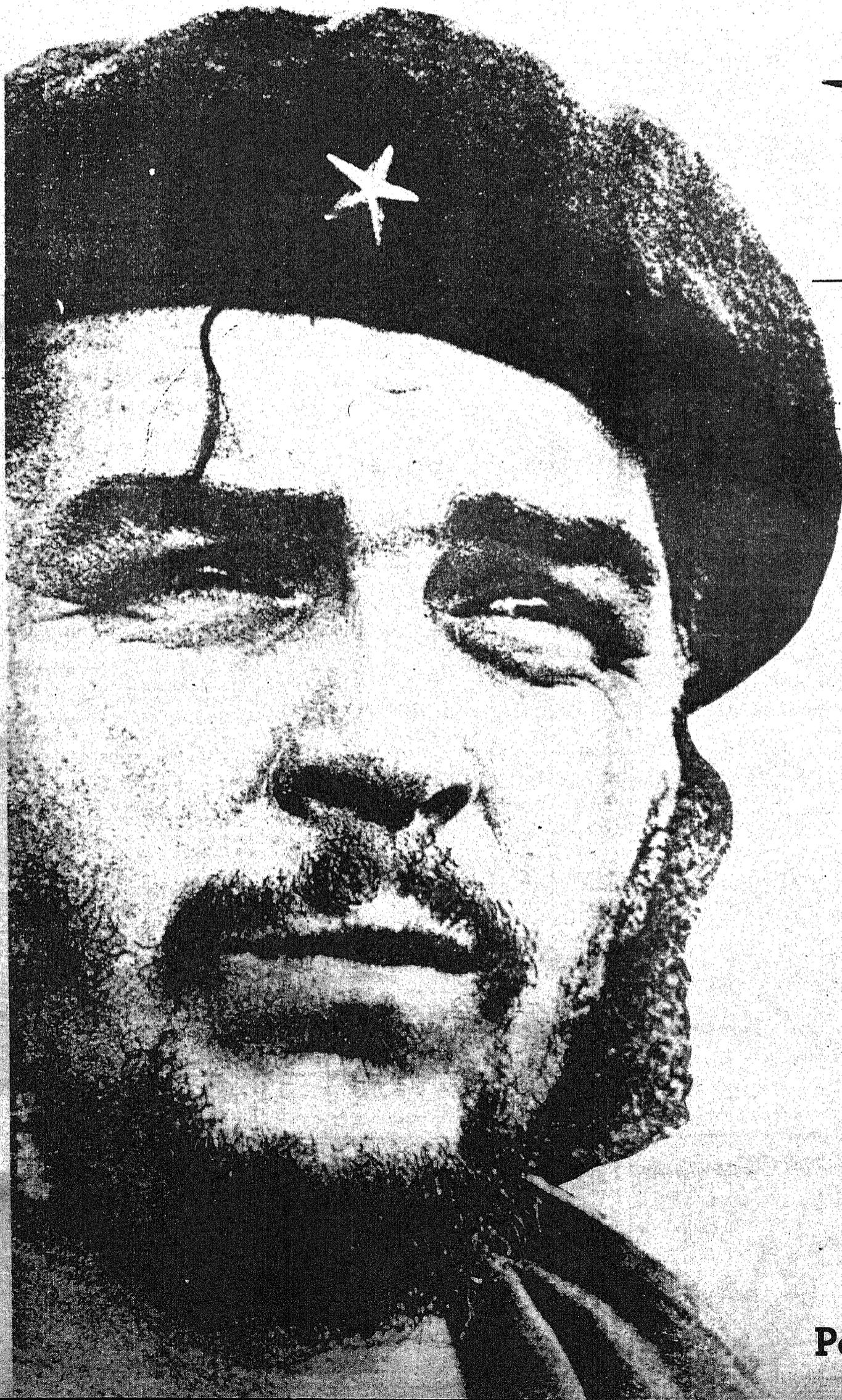


ACADÊMICO

Jornal catarinense de cultura

Ano V - nº 49 - Novembro/79 - Blumenau - SC - Cr\$5,00



AGORA

**CHE: 12
anos depois**

Eduardo Galeano
Oldemar Olsen Júnior

Folclore Político

Sebastião Nery

Poemas traduzidos

C. Ronald/Ricardo Hoffmann

Recado

Vilson Nascimento

Mala Direta

Odir Nascimento

Crítica

Lauro Junkes

Ballet

Beatriz Niemayer

Artes

Lindolf Bell

Resenha

Enéias Athanásio

Exposição

Rose Darius

Política Estudantil

Roberto Diniz

FLUXO • DEPOSITO
PERIÓDICOS E INTERCÂMBIO

EXPEDIENTE
ACADEMICO

Endereço — Rua Antônio da Veiga, 140
— Caixa Postal 1124 — 89.100 — Blumenau — Santa Catarina — Brasil.
Jornal Catarinense de Cultura

Idealizado em maio de 1975 e com o seu primeiro número lançado em junho desse mesmo ano.

Participou no mês de dezembro (7 meses após sua fundação) do Prêmio Parker de Jornalismo Estudantil onde foi laureado com a terceira das cinco "Mencão Honrosa" distribuídas pelas Parkes Pen do Brasil em todo o território nacional.

Fundadores

Seus fundadores são:

- Oldemar Olsen Jr.
- Maria Odete O. Olsen
- Domingos Sávio Nunes
- Roberto Diniz Saut
- Fred Richter
- José Luiz Dias de Souza

Nasceu de uma necessidade urgente de constituir-se um órgão que veiculasse opiniões, críticas e pensamentos que conduzissem ad debate, à polêmica e outras reflexões construtivas capazes de transformarem.

O Acadêmico é conhecido hoje em todas as Universidades brasileiras e mesmo, em algumas estrangeiras; Estados Unidos, Grã-Bretanha, Chile, Peru, Portugal e Argentina. Também fez nome nos círculos intelectuais em Santa Catarina e Brasil.

Jornal sério que se propõe dentro de suas limitações, constituir-se sempre num veículo de idéias e de cultura; para isso, está com suas portas sempre escancaradas.

Diretor Responsável — Oldemar Olsen Jr.
Jornalista Responsável — Honorato Tomeijn Cart. nº 37

Redatores — Maria Odete Onório Olsen, Roberto Diniz Saut, Domingos Sávio Nunes, Fred Richter.

Desenho e Arte — Silvío Braga (Magru), Otto (Fietz).

Diagramação — Júlio Augusto Souza
Dpto Comercial — Estevam Júnior

Correspondentes

Florianópolis — Odir Nascimento

Chapecó — Marcos Antônio Bedin

Colaboradores — Blumenau — Lindolf Bell, Gervásio Luz, Norton de Azambuja, Eulália Maria Radtke, Beatriz Niemeyer Vilson do Nascimento, Bráulio Maria Schloegel, Edith Kormann, Enéas Athanázio, José Endoença Martins, Carlos Braga Mueller.

Florianópolis — Pinheiro Neto, Lauro Junkes, Carlos Ronald Schmidt, Holdemar de Menezes, Theobaldo Costa Jamundá, Osmar Pisani, Emanuel Medeiros Vieira, Celestino Sachet, Glauco Rodrigues Corrêa, Flávio José Cardozo.

Joinville — Carlos Adauto Vieira Alcides Buss

Campos Novos — Artêmio Zanon.

Brusque — Inês Mafra Luiz, Jorge Buss, Urda A. Klueger.

Lages — Wilson Antunes Júnior

São Paulo — Ignácio de Loyola Brandão, Péricles Prade, Plínio Marcos.

Rio de Janeiro — João Antônio, Marcos Konder Reis, Maura de Senna Pereira, Moacyr Felix.

México — Raimundo Caruso

Estados Unidos — Teresinha Pereira

Porto Alegre — Antônio Hohfeldt, Marcelo Rech.

Curitiba — Pedro A. Grisa, J. Jacobs Pulls.

Londrina — Domingos Pellegrini Júnior

Jaraguá do Sul — Augusto Silvío Prodöhl.

FOLCLORE
POLÍTICO



Che Guevara

SEBASTIÃO NERY

Um dia, quando esfriar a ira dos tempos e a História, já lavada do ódio, der o balanço do que ficou das lutas políticas deste século, pouca coisa tão bela ficará na América Latina quanto a fascinante e romântica figura humana de Che Guevara.

Dia 9, fez doze anos que ele morreu. Nas derradeiras trincheiras da inviável guerrilha já derrotada. Cercado de solidão e da certeza do sonho perdido, ele ainda escrevia um poema (até hoje inédito em livro) sobre o Cristo, com a garra e a grandeza de um Paul Claudel:

"Cristo, te amo
não porque desceste de uma estrela
mas porque me revelaste
que o homem tem lágrimas
angústias
e chaves para abrir as portas fechadas da luz.
Sim, tu me ensinaste que o homem é deus
um pobre deus crucificado como tu.
E aquele que está à tua esquerda no Gólgota
o mau ladrão
também é um deus.

Nancahuazu, Bolívia, outubro de 1967"

DA SEÇÃO SINOPSE — ÚLTIMA HORA — 12/10/79

CONFERENCIA
DE FACULTADES
Y ESCUELAS DE
INGENIERIA DE
AMERICA LATINA

Ciudad de México,
18-21 de
noviembre, 1979

Septiembre, 1979.

Estimado Señor Director:

Nos permitimos recordarle que del 18 al 21 de noviembre del presente año se llevará a cabo em la Ciudad de México la II Conferencia de Facultades y Escuelas de Ingeniería de América Latina, en la que se analizará el tema "La Ingeniería en el Desarrollo Latinoamericano — El Papel de las Instituciones Educativas".

Adjunto le estamos enviando los nombres de los conferenciantes que han aceptado presentar las Ponencias Invitadas, así como también folletos adicionales con la información general sobre esta Conferencia.

En espera de vernos honrados con su participación y la de otros profesores de su Institución, le saludan,

ATENTAMENTE
DR. JUAN CASILLAS G. DE L.
RECTOR GENERAL,
UNIVERSIDAD AUTONOMA
METROPOLITANA
DR. PEDRO ROJAS
SECRETARIO,
UNION DE UNIVERSIDADES DE
AMERICA LATINA
DR. JOSÉ M. CONZALEZ SANTALO — PRESIDENTE
ASOCIACION NACIONAL DE FACULTADES
Y ESCUELAS DE INGENIERIA

LUSCAR



ACADEMICO

CP 1124 - 89.100 - BLUMENAU - SC

CR\$ 200,00 VÁLIDA
POR UM
ANO

Assinaturas

NOME _____ Nº _____
RUA _____
CEP _____
CIDADE _____ ESTADO _____



Nova Geração de Máquinas
31-E, 32-E e 33-E

ARTIGOS PARA DESENHO E TOPOGRAFIA
COPIAS HELIOGRÁFICAS E XEROX
ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296
Blumenau Santa Catarina

HIPÓTESES MARXISTAS E INTERPRETAÇÕES BRASILEIRAS

Oldemar Olsen Jr.

ASCENSÃO DO PROLETARIADO - É quando um sujeito de notória falta de condições elementares de sobrevivência, consegue subir a escada de uma residência alheia, galgando-se até o topo a fim de conseguir auxílio.

CONDIÇÕES IGUAIS PARA TODOS - São as alternativas que o meu cachorro dá naturalmente para todas as pessoas se evadirem depois de terem entrado no pátio e fechado o portão de saída.

FRENTE ÚNICA - Desafio revolucionário concebido por alguns estilistas de moda, idealizando essa indumentária para o sexo feminino, caracterizando-a por incluir em seu todo, somente a parte da frente e trazendo com isso, importantes contribuições aos sonhos edênicos de qualquer mortal comum.

SOCIALISMO APÁTICO - Uma sociedade que está doente.

SOCIALISMO UTÓPICO - Uma sociedade que sonha.

SOCIALISMO ATIVO - Uma sociedade sadia.

RACIONALISMO INUMANO - Quando todos possuem a mesma cota de sofrimentos.

O FETICHISMO DA MERCADORIA - Expressão utilizada quando os bens de consumo, produtos da inteligência e esforço humano, são tidos como obras do demônio.

MATERIALISMO DIALÉTICO - Porção de matéria distribuída por todo o globo terrestre que deseja ardentemente poder falar.

HUMANISMO RACIONAL - Quando todos têm a verdadeira consciência de que estão sofrendo e sentem pena de si próprios.

PATÉTICO-DEMONSTRATIVO - É o conjunto de todas essas definições posto à luz da razão de forma pouco convincente.

BURGUESIA DECADENTE - Quando determinada classe social, por conseguir

tanto, já não sabe o que fazer com o que tem.

DITADURA DO PROLETARIADO - Posição mantida a duras lides, mesmo sabendo-se que existem condições de se sair dela.

UTILITARISMO CRU - Quando um elemento (de tendências marxistas), aos invés de estudar o capital - preocupa-se em ganhá-lo.

REGIME ABSOLUTISTA - É aquele que, seguramente, faz você emagrecer.

SUBVERSÃO LIBERAL - É aquela que pode ser praticada, contando que não seja descoberta.

SISTEMA DE TRABALHO - Maneira metódica de consumir muita energia.

FILOSOFISMO CONSERVADOR DE DIREITA - Forma de pensar e agir daqueles que não pensam e não agem e estão sentados no lado direito.

PROCESSO HISTÓRICO DE ANÁLISE - Forma encontrada de se perder tempo com fatos e coisas que já tiveram o seu lugar na história e não vão mudar mais nada.

TEORIA DA ALIENAÇÃO ATUANTE - Conjunto de regras pelas quais se deixa tudo para não se fazer nada.

SUBJETIVISMO ORAL LIVRE - É quando você pode dizer o que pensa para quem você pensa que pode pensar o que você pensa.



ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE ESCRITORES COM NOVA DIRETORIA

DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE ESCRITORES, eleita no dia 27 de outubro de 1979, em Assembleia Geral realizada no Auditório da Secretaria da Educação.

Presidente: Liberato Manoel Pinheiro Neto

1º Vice-Presidente: Luiz Antônio Martins Mendes

2º Vice-Presidente: Hilton Amaral

Secretário: João Tomaz de Souza

1º Secretário: Rosimeri Fabrin

2º Secretário: Celestino Cecco

Tesoureiro: Amilcar Neves

1º Tesoureiro Carlos de Freitas

2º Tesoureiro: Cirineu Martins Cardozo

Diretor de Patrimônio: Roberto Costa

Diretor Editorial: Flávio José Cardozo

Assessor Jurídico: Salomão Antônio Ribas Júnior

Assessor de Comunicação Social: Vicente Impaléa Neto

CONSELHO FISCAL

Holdemar Menezes

Carlos Adauto Vieira

Bráulio Schloegel

Lauro Junkes

Celestino Sachet

CONSELHO CONSULTIVO

Vilson Nascimento

Enéas Athanásio

Artêmio Zanon

Theobaldo Costa Jamundá

David Gonçalves

CONSELHO EDITORIAL

Silveira de Souza

Glauco Rodrigues Correa

Pedro Bertolino da Silva

COORDENADORES DE NÚCLEOS

Joinville- Alcides Buss

Blumenau - Oldemar Olsen Júnior

Criciúma - Luiz Abel da Silva

Caçador - Silmar Boherer

Canoinhas - Mário Tessari

"E HORA DE FAZER"

SÍTIO VERDE - O PARAÍSO NA TERRA

Para quem não conhece, o professor Valdir Floriani, conhecido (de meio mundo) principalmente da Boemia - que não tem nada a ver com a capital da Morávia...Mas isso já é geografia. Abriu aqui em Pomerode, um lugarzinho aconchegante onde os intelectuais podem jogar xadrez, os esportistas, futebol, dominó, tem até uma piscina natural - onde não há "carraspana" que não se dissipe... Também um completo atendimento de Bar e Restaurante - você pode comer um Marreco recheado, um Leitão, Peru ou qualquer outro mais exótico...É, porque hoje em dia, alguns pratos já estão tornando-se exóticos, tal a raridade...Esqueci-me da quadra de bocha ou cancha de bocha não há italiano que não perca a cabeça por aquelas bolas (de bocha).

Visite e comprove - Vá a Pomerode e divirta-se.



FINASC

Somando recursos para multiplicar benefícios

Literatura

Pisani situa o Mito

Um poeta elege sua matéria-prima: ilha-desterro dentro da palavra, a ilha e seus contornos e retornos. A paisagem da palavra e a palavra da ilha. A ilha na palavra transformada na universo e seus horizontes. Um poeta elege seu temário: personagens de um mito barriga-verde (os bruxos, os pescadores, a infância dos filhos, o pânico da palavra, a nau

OSMAR PISANI - Nasceu em Gaspar (SC), a 18 de agosto de 1936, e bem cedo se transferiu para Florianópolis, onde iniciou suas atividades culturais. Em 1961, com o Grupo dos Novos Poetas de Santa Catarina, que ajudou a formar com Péricles Prade, Rodrigo de Haro, Lindolf Bell e Edson Ubaldo, expôs uma série de poemas murais no IBEU. Em 1963, publicou o ensaio O Aspecto Psico-religioso na Obra de Cruz e Sousa premiado pela Academia Catarinense de Letras, e em 1964 o seu primeiro livro de poemas, O Delta e o Sonho. De 1967 a 1968, juntamente com o jornalista Raul Caldas e Di Soares, dirigiu o jornal "Ilha". Em 1972, obteve o

segundo lugar no Concurso de Poesia instituído pelos Diários Associados e pelo "Jornal de Santa Catarina". Participou da antologia de contistas nacionais, Círculo 17, em 1974. É Membro de Honra do Instituto de Cultura Americana vinculado à UNESCO.

Dedicado a múltiplas atividades na área cultural, Osmar Pisani exerce a crítica de arte em seu Estado e é conferencista de inegáveis méritos intelectuais. Formado em Letras e em Ciências Jurídicas e Sociais, vem-se dedicando ultimamente a estudos sobre Teoria da Informação. Atua ainda no magistério superior.

catarineta, a figueira, o farol, o vento, itaguaçu, a rede, o limo-peixe, a flor alírica da palavra feita ilha de Desterro de todos os poetas). Um poeta situa as fronteiras de seu ofício; a partir da ilha sem fronteiras em direção à liberdade do mar enquanto lavra do mito; a partir de antigo amor intemporal, apesar do sentimento alírico que envolve o mundo. Um poeta finca o pendão de sua presença definitiva na poesia catarinense-brasileira: Osmar Pisani é a celebração da estrela luminosa contando coisas do mar e da aurora da ilha-palavra.
Lindolf Bell

ABERTURA PRIMEIRA

a manhã abriu em guarda nosso medo próximo o plátano a estátua o cálice com meu canto ainda no papel era a última viagem sem destinatário que procuravas como a cor e a forma buscam a si mesmas um lugar no espaço



POEMA PARA CECILIA MEIRELES

tu foges a toda definição neste dia sem nexo e vives em antigo navio de puro sonho e silêncio

navegas de aberta coração e mais alto o pensamento sabias teu ofício como súbita flama e votivo fragmento.

CANTO DE AMOR

o espanto amanhã e um corredor escuro coquante saúdo as crianças que morrem nesse instante precisamos gritar como os profetas a voz é grande sem termo e o dia o medo passeta seus deitos em fúria

quanta vezes pensei fragmentário a canção que passava em torno do longo anseio insatisfeito e passaro mas o fogo invisível que amplifica teu sonho, a maravilhosa sensação do gesto em teu refúgio modifica e separa o branco veludo de teu corpo em transe anguloso

desaparece como antiga paisagem em teu espelho, mãos descem teus olhos tão frágeis, quentes, insolúveis que não fique assim inútil e secreto amor no despertar da noite noite que evapora minha incoentida fúria horizontal

tu vives Cecilia teu retrato ali está entre música abstrata e livros suspensos

não partas procure mãos como âncoras em abismos a carne que o passaro na janela verticaliza

ah! que branca oferenda conterna tuas mãos em teu corpo renovado um ato de puro sonho

ESSA É UMA BOA
CLUBE DO DISCO "MERCADÃO"
RUA 15 DE NOVEMBRO, 1336
ED. BRASÍLIA - BLUMENAU
SEM INSCRIÇÕES SEM TAXAS
SEM MENSALIDADES → SÓ VANTAGENS
PREÇOS ESPECIAIS E MUITOS BRINDES
PARA VOCÊ
ATUALIZE A SUA DISCOTECA COM
POUCO DINHEIRO



toalhas
ARTEX

a moda em toalha

PÔEMAS TRADUZIDOS

Carlos Ronald

LAWRENCE FERLINGHETTI - Poeta da chamada "beat generation" americana foi uma das maiores expressões da vanguarda poética dos Estados Unidos. Juntamente com Allen Ginsberg, Gregory Corso e outros, influiu para modificar a estetizante apatia da sensibilidade "yanke" enclausurada pela grandeza e perfeccionismo de um Stevens, Pound e Lowell. É uma poesia especificamente urbana de "consmopolis" e sem qualquer intenção mais profunda com a forma e transcendência humana. É apenas episódica e crítica do cotidiano.

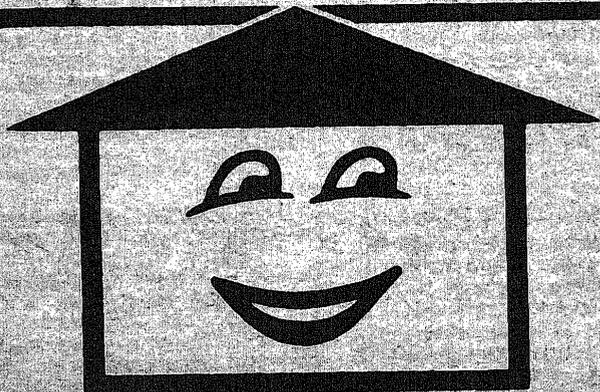
Trad. RICARDO HOFFMANN.

CAO

O cão trota livremente pela rua
 e vê a realidade
 e as coisas que vê
 são maiores que ele próprio
 e as coisas que vê
 são sua realidade
 Bêbedas nas portas
 lua nas árvores
 O cão trota livremente pela rua
 e as coisas que vê
 são menores que ele próprio
 Peixes em jornais
 formigas em buracos
 galinhas nas janelas do bairro chinês
 sua cabeça a um metro de distância
 O cão trota livremente na rua
 e as coisas que cheira
 cheiram um pouco como ele mesmo
 O cão trota livremente na rua
 passa por poças e bêbes
 gatos e cigarros
 bilhares e policiais
 Ele não odeia ttras
 ele simplesmente não sabe a que fazer
 com eles
 e passa por eles
 e passa pelas vacas mortas pendu-
 radas inteiras
 no mercado de carne de São Francis-
 co
 Ele preferiria comer uma vaca tenra

a um polícia duro
 ainda que qualquer dos dois servisse
 E ele vai passando pela Fábrica de
 Ravioli Romeu
 e passa pela Torre Coit
 e passa pelo senador Dayle
 Ele fica com medo da Torre Coit
 mas não fica com medo do Senador
 Doyle
 ainda que o que ouve seja muito
 desencorajador
 muito depressivo
 muito absurdo
 para um jovem e triste cão como ele
 para um cão sério como ele
 mas ele tem o seu próprio mundo livre
 onde viver
 sua próprias pulgas para comer
 Ele não será amordaçado
 O senador Doyle é apenas outro
 hidrante
 para ele
 O cão trota livremente pela rua
 e tem sua própria vida de cão para
 viver
 e para pensar a respeito
 e para refletir sobre
 tocando, provando e testando tudo
 investigando tudo
 sem benefício do perjúrio
 sendo um realista autêntico

com uma história verdadeira para
 contar
 e uma cauda real com que contá-la
 uma vida real
 latindo
 cão democrático
 empenhado na real livre empresa
 com alguma coisa para dizer
 sobre a realidade
 e como encará-la
 e como auscultá-la
 com sua cabeça inclinada de lado
 nas esquinas
 como se ele estivesse
 para ser fotografado
 para os discos RCA VICTOR
 escutando
 a VOZ do DONO
 e olhando
 como um ponta de interrogação viva
 para dentro do
 grande gramofone
 de desconcertante existência
 com a sua maravilhosa campânula
 ôca
 que sempre parece
 prestes a espirrar
 alguma resposta victoriosa
 para tudo



PROBST

**NA ALEGRE
 JARAQUÁ DO SUL,
 NÃO PODIA FALTAR
 O SORRISO DO PROBST.**

Entrevistei Guevara em agosto de 1964. Em Bolívia. A leitura atual ilumina a reportagem. Frases ditas de passagem ganham luz.

Eduardo Galeano

CHE: 12 anos depois

1 - CUBA COMO VITRINE OU CATAPUTA

Um "Traidor", lhe disse, "você é um traidor". Mostrei-lhe o recorte de um jornal cubano: ele aparecia vestido de pitcher, jogando beisebol. Lembrou-me que riu, que rimos; se respondeu algo, não sei. A conversa pulava, como uma bolinha de pingue-pongue, de um tema para outro, de uma a outra lembrança, saudades e experiências, brincadeiras: "Que há com minha mão?" "Está maldita". "Maldita?" "Sim, claro, cumprimentou Frondizi e Frondizi caiu, cumprimentou Jânio Quadros e o mesmo aconteceu com ele. Sorte que eu não tenho de onde cair", eu comentava, com ar preocupado; e ele ria, enrugava a testa, sentava, ficava em pé, caminhava pela sala, deixava cair as cinzas de seu charuto caizador e com ele me apontava ao peito. Com ânimo discutidor e não professoral, às vezes fazia uso de um quadro negro para explicar alguma idéia complexa, rabiscando com giz: a polêmica em torno do cálculo econômico e a vigência ou caducidade da lei do valor na sociedade socialista, ou o sistema de retribuição por normas de produção. Era cáustico, como um rioplante, e ao mesmo tempo fervoroso, como um cubano; generoso com sua verdade, porém disposto a mostrar os dentes por ela. Uma força profunda e bela nascida dele, sem cessar, de dentro; se declarava, como todos, pelos olhos. Lembro que tinha um olhar puro, limpo, como o amanhecer: o olhar dos homens que acreditam.

Dois

Acreditava, sim, na revolução da América Latina, em seu doloroso processo, em seu destino; tinha fé na nova condição humana que o socialismo deve gerar. Quando falava sobre estes temas, a gente tinha a impressão de que aumentava a temperatura de seu sangue, mas manejava com rédeas curtas seu entusiasmo, no momento em que eu começava a tomar anotações do que ele dizia. Então, com os olhos fixos na esferográfica que dançava sobre o papel, preferia o comentário malicioso e cortante, que deixava escapar depois de expelir, sorrindo, duas ou três baforadas de fumaça azul por entre os espessos bigodes e a rala barba. Ser jornalista era uma pena; não porque a gente tivesse começado a trabalhar depois de tantos dias e noites de sem sonho nem razão, nem pelo nervosismo que isto causava, mas sim porque a fluida comunicação que nascia espontaneamente, tinha que ser cortada a todo momento por culpa da profissão. "Estamos conversando entre cubanos e uruguaios", mentia então o Che para iludir alguma pergunta indiscreta. Mesmo assim, tudo evidenciava que aquela paixão que vibrava nele não era flor da pele, tinha rompido as fronteiras que outros inventaram para a América Latina, e que não acreditava nelas, é claro. Conversando, a gente não podia esquecer que aquele homem tinha chegado à Cuba depois de uma peregrinação por toda a América Latina; que esteve, e certamente não como turista, no turbilhão da nascente revolução boliviana e na agonia da revolução guatemalteca; que carregou bananas na América Central e tirou fotografias nas praças do México para ganhar a vida, e que, para jogá-la, tinha se lançado na aventura do Granma.

Três

"Um dia passaram — disse na carta de despedida a Fidel — perguntando quem deveria ser avisado em caso de morte e a possibilidade real do fato foi um golpe para todos. Depois subimos que era verdade, que na revolução se triunfa ou se morre (se ela é verdadeira)". A procura de novas vitórias, ou do fim, foi embora de Cuba. "Outras terras reclamam o concurso de meus modestos esforços", dizia na carta... os novos campos de batalha, sim, aí no meio do

temporal e da luta, se triunfa ou se morre: "Sob outros céus", agora. Outros, os amigos, tantos, tinham caído pelo caminho: continuarão caindo. El Patojo, por exemplo, que tinha vivido com ele os duros tempos do México e terminou seus dias crivado de balas nas selvas da Guatemala (desconfiar, desconfiar, tinha-lhe aconselhado o Che: morreu traidor por um companheiro dos tempos de escola). Também o argentino Masetti, que se perdeu, ferido, nos montes de Salta.

O Che não era um homem de gabinete: era um criador de revoluções, e nós percebíamos. Não era um administrador embora o fosse, apesar dele.

Só podia acabar estourando aquela tensão de leão engaiolado que a gente percebia sob sua aparente calma, contida, nas palavras e nos gestos.

Quatro

A serra lhe fazia falta. Não quero dizer que não fosse útil no processo de construção que, já em tempo de paz, vem depois da vitória conquistada de armas na mão. Ao contrário, o Che era, também nesse aspecto, um revolucionário exemplar, trabalhador incansável em todos os cargos de alta responsabilidade que lhe coube desempenhar. Suspeitava-se, em Cuba, que nunca dormia, como Fidel; dia e noite tratava dos complicados assuntos que lhe cabia resolver, e dos difíceis processos que devia movimentar, principalmente na luta pela industrialização do país. Ao fim de cada jornada — e cada jornada ocupava uma semana contínua — ia, aos domingos, cortar cana como operário voluntário; e ainda lhe restava tempo, inexplicavelmente, para ler, escrever e polemizar. E para brigar com sua asma, implacável, que já carregava nos tempos da guerrilha (a ordem de partida chegou de improviso — contou-nos — e todos tivemos que sair do México do jeito que estávamos, em grupo de dois ou três. Entre nós havia um traidor, e Fidel tinha ordenado que no momento que chegasse a ordem, deveríamos sair com o que tivéssemos à mão, para evitar que o traidor avisasse à polícia. Aquele traidor... ainda não sabemos quem era. Assim foi que tive que sair sem o inalador, e durante a travessia me deu um violento ataque de asma. pensei que nunca chegaria".

Estava comprometido com tudo, "do jeito que deve ser", na difícil tarefa da construção do socialismo em Cuba. Era o mais austero de todos os dirigentes, e o que mais se aproximava, por sua capacidade de sacrifício, à imagem do cristão das catacumbas. Obscedo pela idéia de que a mística do socialismo em marcha, a fé do povo no novo mundo que nascia, fosse o motor do desenvolvimento, renegava o uso excessivo dos estímulos materiais e dos sistemas de retribuição que pudessem gerar nas pessoas a esperança de "chegar a ser um Rockefeller". Indignava-lhe a possibilidade de que, amparada na vigência da lei do valor, que ele negava no período decisivo que Cuba vivia, pudesse acontecer um retorno à sociedade capitalista ("outros casos o demonstram"). Nisto era inflexível e muito duro, em sua indignação.

Seu célebre artigo de resposta a Charles Bettelheim termina assim: "Aos defensores do Cálculo Econômico se aplica... Que Deus nos proteja dos amigos, dos inimigos e do eu". Na página seguinte da mesma edição de Cuba Socialista, o primeiro parágrafo de uma nota de Joaquim Infante adverte que: "o Cálculo Econômico é o método de direção econômica das empresas socialistas, utilizados na União Soviética e nos demais países socialistas e de democracia popular...".

A afiada capacidade polêmica de Che Guevara, contestada por alguns economistas, que a enxergavam como uma "idealização" do processo, era destinada sempre à elucidação dos problemas cubanos e nada tinha a ver, como erradamente se acreditava, com o debate

sino-soviético. "Nós não nos metemos nisso" nos disse para explicar porque havia sido mutilado, em Cuba, um texto de Paul Baran, que fazia referência ao conflito entre Moscou e Pequim. Qualquer analogia, em todo caso, cabe por extensão, mas Cuba e seu destino, como vanguarda da revolução latino-americana, eram o centro de suas preocupações. "Não me interessa discutir essas coisas fora de Cuba", nos advertiu na hora de falar dos pontos controversos, do ritmo da revolução, das chaves para seu desenvolvimento, da interdependência de sua política interna e externa, que geravam diferentes posições entre os dirigentes. O Che encabeçava, notoriamente, uma tendência com pontos de vista definidos, não só em relação ao cálculo econômico e a lei do valor, mas também em relação à importância relativa da industrialização, o conflito entre o sistema orçamentário, e a função de Cuba no âmbito maior da revolução continental.

Discutidor do jeito que era, não vacilava, no entanto, em reconhecer os próprios erros, que haviam sido erros da própria revolução: diminuir a produção de açúcar ou "tentar substituir demasiadas importações pela via da fabricação de produtos acabados, com todas as enormes complicações que acarretam a importação de produtos intermediários".

Cinco

O povo cubano reconhecia-se a si próprio no exemplo que Che, não nascido em seu solo, mas vitalmente envolvido no desafio da revolução, prodigava. Viviu do jeito que pensava, e todos sabiam disso e além de amá-lo, o admiravam. Candela, o motorista que nos acompanhou ao longo da ilha, na direção de um Cadillac expropriado, costumava chamá-lo "cavalo". Esse supremo elogio à maneira cubana ele aplicava somente a três pessoas: Fidel, o Che e... Shakespeare. As experiências de divulgação popular do teatro davam seus frutos de forma imprevista: de repente, Candela entrava em transe e começava a falar sem parar do dramaturgo isabelino ("se pronuncia de várias maneiras; os americanos dizem Chéspir") e suas obras. "Esse sim era um cavalo, Chico. Um cavalo: muito filósofo na escrita, e muito didático, sí Senhó".

Ao longo de toda Cuba, por onde passávamos com Reina Reyes e Julio Villegas, encontrávamos camponeses, operários, técnicos, estudantes, funcionários, que citavam o Che tão frequentemente quanto Lênin ou Fidel:

— Monocultura significa subdesenvolvimento; o Che o explicou muito claramente.

— A revolução é ganha com sacrifício, Chico, como diz o Che. Ou você acha que tudo é festa?

Cuba era uma enorme caixa de ressonância, para sua mensagem essencial, a mais importante de todas por todos ouvida e compreendida, encarnada, difundida: a revolução é uma força que purifica os homens, os lança além do egoísmo, e essa pureza que é conquistada deve ser defendida, com balas, estudo e trabalho, como se fosse a própria vida.

Seis

Em Santa Clara, a cidade "dos telhados vermelhos e múltiplos" que o poeta cantou, Candela mostrou-nos os muros ainda mordidos pelo chumbo, o lugar exato onde foi descarrilhado e atacado o trem blindado de Batista, a delegacia de polícia em cujo cerco tinha caído para sempre El Vaquerito na cabeça de um comando suicida. Contou-nos das passagens improvisadas pelas paredes dos páti- os, dos coquetéis Molotov, do sangue e do fogo; o Che Guevara, seu braço ferido apoiado num trapo, era o herói dos relatos: "Já vão fazer seis anos, — dizia Candela. Imagine quanto terá chovido desde então". Mas as imagens continuavam vivas nas retinas de testemunhas e protagonistas, e as cicatrizes visíveis, ainda doíam: a história, que não precisou da passagem do tempo para se tornar lenda, continuava acontecendo, o inimigo atacando, a revolução se debatendo, e a morte era ainda algo que po-

dia cair sobre qualquer um, a qualquer momento.

Sete

A irreverência do Che era a irreverência da revolução. Mas em outro estilo mais novo, mais sombrio e mordaz. Talvez pela nostalgia da terra perdida, metade vingança e metade homenagem, os argentinos eram o alvo predileto de seus comentários mais ásperezos: costumava lembrá-los que as revoluções se fazem, não se dizem, que a missão dos partidos comunistas é estar na vanguarda da revolução (sorrisos, satisfeitos)... mas que lamentavelmente aconteceu que, em quase toda a América Latina, estão na retaguarda (silêncios indignados). Quando um conhecido peronista ficou sentido porque tinha mais de um mês esperando a audiência, o Che deu umas palmadas nas costas dele: "Se esperaram oito anos para fazer a revolução..." E outras coisas do gênero, como esta: sugeri certa vez que para obter fundos para a revolução, poderia-se comprar certos portenhos pelo que valem e vendê-los por aquilo que eles acreditam que valem.

Oito

A imagem do Che guerrilheiro em Santa Clara pressentia o Che se debatendo na inóspita selva boliviana, e se misturava, em minha cabeça, com a lembrança do Che na conferência de Punta del Este, estafista brilhante, economista, sóbrio profeta: aquele intelectual refinado que lia antologias de Aguilar na Sierra Maestra, que sabia de memória uma boa parte do Canto Geral, falava com admiração das novelas de Carpentiere ria do realismo socialista. Mas, por cima de todas estas imagens, ou somando-as, surgia uma: era o Che respondendo, em entrevista coletiva, a pergunta de um idiota interessado em saber se ele era argentino, cubano ou de onde era.

— Eu sou cidadão da América, senhor — disse.

Quando conversamos em Havana, eu comentei:

— O destino de Cuba está intimamente ligado ao destino da revolução latino-americana. Cuba não pode ser coagulada dentro de fronteiras; funciona como motor da revolução continental. Ou não?

Ele respondeu:

Poderia haver possibilidades de não ser. Mas nós eliminamos essas possibilidades. A possibilidade de que os movimentos revolucionários latino-americanos não estivessem diretamente ligados a Cuba poderia ter se concretizado, se Cuba concordasse em deixar de ser exemplo para a revolução latino-americana. Somente pelo simples fato de estar viva não é um exemplo. De que forma é um exemplo? Da maneira como a revolução cubana encara as relações com os Estados Unidos e o espírito de luta contra os Estados Unidos. Cuba poderia se transformar exemplo puramente econômico, por assim dizer.

— Uma espécie de vitrina do socialismo...

Uma vitrine. Essa seria uma fórmula que até certo ponto garantiria Cuba, mas que a divorciaria da revolução latino-americana. Não somos vitrina.

— E como se irradia uma força de exemplo que não acabe em contemplação? Através da solidariedade? Mas, até onde pode se chegar? Quais são seus limites? Como definiria você a necessária solidariedade entre Cuba e os movimentos de libertação na América Latina?

— O problema da solidariedade (sim, sim, é claro que isto pode ser escrito) consiste em fazer pela revolução latino-americana tudo aquilo que seja possível numa situação de direito, e uma situação de direito é uma relação entre distintos países que chegam a um equilíbrio em seus intercâmbios ideológicos ou políticos, sobre uma base de convenções mutuamente acatadas.

— Situação que se dá somente com três países

— Com dois, Bolívia rompeu relação esta tarde.

Não levava em conta que o Uruguai não demoraria em fazer o mesmo.

"Tenho a impressão — lhe disse — de que o rompimento do governo chileno surpreendeu os cubanos". "Como assim? Não nos surpreendeu, absolutamente". "No entanto, as pessoas na rua pareciam estar realmente surpreendidas". "As pessoas, pode ser, o governo, não. Nós já sabíamos o que aconteceria". Perguntei-lhe que achava de certas declarações do FRAP chileno sobre Cuba, pouco antes do triunfo de Frei. "Pareceu-nos terrível", disse. Sugeri

**Em outubro de 1967 caiu na
em com uma rara e nova
agora, valor de um testemunho
leano**

quo podia ser o fruto das circunstâncias: os imprescindíveis zigue-zagues em direção ao poder através das eleições. Afirmou: "O poder, na América Latina, ou se toma pelas armas, ou não se toma". Mexeu a cabeça e acrescentou: "Coloque de maneira geral".

— Digamos então o caminho em direção ao governo, não ao poder. Confundir um e outro pode ser grave, não é verdade? Isso aconteceu no Brasil, não é?

— Mas então o Che lembrou que estava diante de um jornalista: a espontaneidade e a cautela brigaram ao longo das três horas de conversa.

Nove

— No caso de explodirem novas revoluções na América Latina, não ocorreria uma mudança de qualidade nas relações entre Cuba e os Estados Unidos? Falou-se da possibilidade de um acordo de co-existência sobre determinadas bases. Mas, se o incêndio se propaga, e o imperialismo se vê obrigado a jogar água no fogo, qual será então a situação de Cuba, vale dizer, da faixa?

— Nós definimos as relações entre Cuba e Estados Unidos, na época atual, como um automóvel e um trem que avançam mais ou menos com mesma velocidade, e o automóvel tem que atravessar trilhos. Conforme o cruzamento aproxima-se a possibilidade de confronto e choque. Se o automóvel, que seria Cuba, cruza antes do que o trem, isto é, se a revolução latino-americana adquire certo grau de aprofundamento, já se passou para o outro lado: Cuba não tem então mais significado. Porque Cuba não é atacada a despeito do imperialismo, mas pelo seu significado. Ou seja, se a situação revolucionária na América Latina se aprofunda a tal ponto que obrigue o emprego de grandes forças norte-americanas, uma série de territórios não teriam mais significado. Teria-se atravessado o cruzamento. Nós vamos agravando nossos confrontos com os Estados Unidos, dia-a-dia, objetiva e fatalmente, a medida que se agrava a situação na América Latina — e o melhor que tem é o fato de estar tão ruim. Agora, se a situação se agrava de forma tão convulsiva que obrigue aos Estados Unidos utilizar forças e recursos em grande escala pelo seu próprio peso, o significado de Cuba desaparece. O problema fundamental já não é Cuba, como catalizadora, porque já ocorreu a reação química. A incógnita é: conseguiremos ou não cruzar antes do trem? Poderíamos freiar, é difícil que o façamos.

— Com tais perspectivas, até que ponto é possível a coexistência?

— Não se trata de Cuba, mas sim dos Estados Unidos. Cuba não interessa aos Estados Unidos, se a revolução não se cristaliza na América Latina. Se os Estados Unidos dominassem a situação, de nada lhe interessaria Cuba.

Dez

— E supondo que a revolução latino-americana não explodisse, é possível que Cuba continue em frente?

— Claro que é possível.

— A longo prazo?

— A longo prazo. Já passou o pior período do bloqueio.

— Não me refiro somente à subsistência física. Quero dizer se o isolamento de Cuba de suas fontes de nutrição latino-americanas não poderia acarretar problemas de outra ordem: deformações internas, rigidez ideológica, laços cada vez mais fortes de dependências. Uma revolução latino-americana enriqueceria, sem dúvida, o marxismo: permitiria aplicar melhor os esquemas a nossa realidade peculiar. E se a revolução se latinoamericanizasse, permitiria que Cuba recuperasse sua moldura natural de existência. Não é uma afirmação, é uma pergunta.

A questão me parece um pouco idealizada. A gente não pode falar de fontes de nutrição. As fontes de nutrição são a realidade cubana, qualquer que seja, e a aplicação correta do marxismo-leninismo ao modo de ser do povo cubano, em determinadas condições. O isolamento pode provocar muitas coisas. Por exemplo, que apreciemos, erradamente, a situação política no Brasil; mas distorções no avanço da revolução, não. Claro que é mais fácil para nós falar com um venezuelano do que com uma pessoa do Congo, mas, definitivamente, nos entenderemos perfeitamente com os revolucionários do Congo, embora não tenhamos falado com eles ainda. Existe uma identidade na luta e nos fins.

Uma revolução em Zanzibar pode também nos dar novos elementos; a união de Tanganica e Zanzibar; a luta da Argélia, a luta do Vietnã... Temos o aveludado indígena de nossa mãe americana, dizia Martí, e está correta; mas nossa mãe americana já faz muito tempo que vem passando por sucessivas encruzilhadas. E cada vez mais os sistemas são mundiais: o capitalismo e o socialismo. O fato da Argélia ser livre, fortalece Cuba; a existência da Guiné, fortalece; a do Congo, também. Nós sempre temos muito clara essa idéia, a identidade de Cuba com todos os movimentos revolucionários. Apesar dos vínculos raciais, religiosos, históricos, a Argélia está mais perto de Cuba do que do Marrocos.

— É mais perto da União Soviética do que de Marrocos?

— Isso teria que ser respondido pelos argentinos.

Onze

— Quando você fala do "sistema mundial do socialismo" menciona países que não fazem parte do bloco socialista. Nesses países, movimentos de caráter nacionalista, canalizados em direção ao socialismo, lhes conferem uma forte característica própria.

— O resultado final, necessariamente, é que sempre se caminha em direção a uma integração marxista, ou se retorna ao campo capitalista. O Terceiro Mundo é um mundo em transição. Existe porque, dialeticamente sempre existe, entre os opostos, um campo onde as contradições se aprofundam. Mas não pode ficar aí, isolado. A própria Argélia, à medida que avança no aprofundamento do sistema socialista, vai deixando, aos poucos, o Terceiro Mundo.

— Não pode se falar de um Terceiro Mundo transversal ao próprio bloco socialista? O conflito entre chineses e soviéticos foi analisado por alguns pensadores marxistas, como Paul Baran, como uma consequência das contradições internas entre os países socialistas, com diferentes níveis de desenvolvimento e diversos graus de confrontação com o imperialismo.

— A morte de Paul Baran me impressionou muito. Eu o estimava muito; ele esteve aqui, conosco.

— Imperturbável, mexia seu charuto, em silêncio; olhava minha caneta como se fosse um intruso protagonista do diálogo; resolvi guardá-la. Daí em diante, Che Guevara respondeu a um bombardeio de perguntas sobre temas econômicos. Desde a Conferência de Genebra ("a razão está com uns, mas as coisas estão com outros"), até os erros cometidos no processo econômico interno, o Che falou longamente.

Até que um inimigo entrou na sala para lembrar ao Ministro das Indústrias, que seu adversário esperava por ele, já há vinte minutos, diante do tabuleiro de xadrez, no andar inferior.

2 — MÁGICA MORTE PARA UMA VIDA MÁGICA

"Acredito na luta armada como única solução para os povos que lutam pela sua libertação, e sou consequente com tudo aquilo em que acredito. Muitos me chamarão aventureiro, e na verdade sou, só que de um jeito diferente; daqueles que colocam até a pele para demonstrar suas verdades. Pode ser que esta seja a definitiva. Não procuro, mas estou dentro do cálculo lógico das probabilidades. Se for assim, envio um último abraço. Amei-os muito, só que não soube expressar meu carinho; sou extremamente rígido em minhas ações, e acho que às vezes vocês não me entenderam. Não era fácil me entender, por outro lado, acreditem, somente hoje. Agora, uma vontade que trabalhei com prazer de artista sustentará umas pernas flácidas e uns pulmões cansados. O farei... Lembrem algumas vezes de este pequeno condottiero do século XX".

Quando estas linhas, enviadas pelo Che Guevara a seus pais, pouco tempo depois de seu desaparecimento, chegaram a Buenos Aires, Celi, a mãe, já tinha morrido sem poder se comunicar com seu filho. Não recebeu este "último abraço", esta despedida que pressentia a notícia que comoveu o mundo inteiro. "Em nosso movimentado ofício de revolucionário, a morte é um acidente frequente, havia escrito certa vez o Che, a propósito da queda de um amigo íntimo; sua carta à Tricontinental termina saudando à morte, que chegará sempre que anuncie "novos gritos de guerra e de vitória". Mil vezes disse que morrer era tão possível, e no entanto, tão insignificante. Ele sabia muito bem; a propósito de suas sucessivas mortes e ressurreições, ele próprio assegurava que tinha sete vidas. Escorreu a sétima do

jeito que ele havia se proposto... Entrou na morte sem pedir permissão e nem desculpas; foi o encontro das balas na poeirenta quebrada do Yuro, na frente de seus homens, encurralados pelo exército. A metralhadora estourou suas pernas, e continuou lutando, sentado, ainda um momento, até que a M-1 pulou de suas mãos, quebrada por uma rajada certa. Os soldados o pegaram ainda vivo, embora os guerrilheiros com muita coragem disputassem o ferido desde a metade da tarde até o acoitecer; os companheiros de Che lutaram corpo a corpo, e logo foram exibidos a seu lado com as cabeças destroçadas e corronhadas e os corpos várias vezes abertos pelas baionetas.

Inúmeras lendas se teceram em torno da vida e da morte, tão cheias de alucinação e mistério, deste herói de nosso tempo: algumas, poucas, são fruto da infâmia de certos canalhas que se jogam como abutres sobre a memória do Che morto, embora tivessem sido incapazes de suportar o olhar do Che vivo; outras, quase todas, provêm da fantasia popular, que já comemora a imortalidade do caído, diante dos infinitos altares invisíveis de nossa América Latina.

"Estive pensando na melhor maneira de morrer naquele minuto em que parecia tudo perdido. Lembrei um velho conto de Jack London, onde o protagonista, apoiado no tronco de uma árvore, se dispõe a acabar sua vida com dignidade": isto escreveu o Che, lembrando um instante decisivo da carnificina que aconteceu no desembarque do Granma nas costas orientais de Cuba. Passaram alguns anos desde aquele primeiro contato com a morte. Olho, agora, uma a uma, as radiofotos que atracaram esse corpo imóvel de todos os ângulos, os buracos por onde o chumbo penetrou na carne, o sorriso, ao mesmo tempo irônico e tenso, orgulhoso e cheio de compaixão, que mais de um cretino confundiu com um sorriso de crueldade. Fico com o olhar pregado no rosto do guerrilheiro que se lançou a lutar no coração da América do Sul, chamado pelas vozes de uma revolução ainda não nascida. Olho este rosto formidável de Jesus Cristo rioplantense, e sinto vontade de cumprimentá-lo.

O dia de seu batismo de fogo, em certo lugar de Cuba chamado Alegria de Pio, o Che tomou a decisão que haveria de marcar definitivamente seu destino: "Tinha na minha frente uma mochila cheia de medicamentos e uma caixa com balas; as duas eram pesadas demais para carregá-las juntas; peguei a caixa de balas, deixando a mochila, para atravessar a trilha que me separava dos canaviais". No já mencionado adeus a seus pais, o próprio Che disse: "Ja fazem quase dez anos que escrevi a vocês uma outra carta de despedida. Lembro que me lamentava de não ser melhor soldado e melhor médico; o segundo já não me interessa. Soldado eu não sou tão ruim".

Escolheu um lugar na primeira linha de combate da revolução, e o escolheu para sempre, sem outorgar a si próprio o direito da dúvida, nem o direito do arrependimento: está é o insólito caso de um homem que abandona uma revolução já feita por ele e mais alguns loucos para se lançar no começo de outra. Não viveu para a vitória, mas sim para a luta, a sempre necessária luta contra a indignidade e a fome: nem sequer se permitiu virar a cabeça para trás para ver o belo fogo que nascia de seus próprios navios queimados.

Não foi culpa da asma, como acreditou um jornal de Buenos Aires, nem tampouco fruto do obliquo e sofisticado ressentimento: o aprendizado da solidariedade pode ser acompanhado facilmente na vida do Che, e esta palavra, solidariedade, nos dá a chave única para entendê-lo, ainda que não conste no dicionário daqueles que escrevem o sistema.

Uma quantidade infinita de possibilidades se abriam, em leque, aos olhos do jovem Guevara, recentemente chegado das serras de Córdoba ao asfalto de Buenos Aires. Trabalhava doze horas por dia, seis para se manter, e as outras seis ad honorem; era um brilhante estudante de medicina, mas, ao mesmo tempo, lia complicados tratados de matemática superior, escrevia poemas e levava adiante ambiciosas pesquisas arqueológicas. Aos 17 anos começou a redigir um "Dicionário Filosófico", porque descobriu que os estudantes, e ele próprio, o necessitavam. Em 1950, o Che, que naquele tempo assinava Ernesto Guevara Serna, apareceu em um anúncio de "El Gráfico", junto à transcrição de uma carta que ele tinha enviado à fábrica, dos motores Micrón para bicicletas, onde informava que havia percorrido quatro mil quilômetros ao longo de doze provín-

cias argentinas, e que o motorzinho tinha respondido bem. Quando era estudante, sua mãe sofreu uma operação na mama; suspeitava-se que tinha um tumor. Ernesto improvisou em sua casa um pequeno laboratório, onde fazia experimentos com cobaias, provetas e soluções diversas, para lhe salvar a vida. Inteligente e múltiplo, com um inato poder de sedução, que sua vida posterior confirmaria e alimentaria, o jovem Guevara não era um filho de papai revoltado, mas sim um jovem homem aberto à aventura, sem idéias políticas claras e com uma acentuada tendência para demonstrar a si próprio que podia fazer tudo aquilo que não podia: os constantes ataques de asma, que durante, tantos anos obrigaram ao pai a dormir sentado, cuidando que seu filho pudesse passar a noite encostado em seu peito, não impediam que ele jogasse futebol e rugby, mesmo que no final dos jogos seus companheiros tivessem que carregá-lo. A asma lhe impediu continuar a escola desde a quarta série, mas ele deu um jeito de prestar os exames sozinho, e, mais tarde, obter excelente qualificação no colégio. A guerra contra a asma foi a primeira que o Che lutou e ganhou — ganhou na medida em que ele nunca deixou que a asma decidisse por ele.

Este grande guerreiro da América Latina foi declarado inapto para o serviço militar pelo exército argentino. Naquele tempo o Che atravessou os Andes de motocicleta e entrou a pé no Peru, atraído pela lenda de Machu-Picchu; os enfermos de um leprosário constroem uma jangada para ele e seu amigo Alberto Granados, que partindo do coração da selva brasileira, chegam a Colômbia. Em Iquitos são técnicos de futebol. O Che, deportado da Colômbia chega a Miami de avião, junto com cavalos de raça que o avião transportava. Depois de certo tempo faz uma segunda viagem pela América Latina, que o leva até a Bolívia, às ruas de La Paz onde os mineiros desfilarão vitoriosos com os cartuchos de dinamite na cintura e, mais tarde, na Guatemala. "Não soubemos descobrir o Che em Ernesto Guevara", disseram-me anos depois, alguns guatemaltecos revolucionários que o conheceram naquela época, quando não era nada além de um funcionário da reforma agrária ou um argentino doente, acamado em alguma pensão cheia de exilados do APRA peruano: Ernesto Guevara, no entanto, descobriu a si próprio por meio da euforia e da derrota da revolução guatemalteca, nas conquistas e nos erros do processo de reformas e na raiva impotente com que presenciou a queda do regime de Arbenz. Paradoxalmente, havia sido um barco da Flota Blanca da United Fruits, que levou Guevara para América Central, onde revelou-se sua definitiva paixão socialista.

Poderia ter sido um distinto médico de Barrio Norte, ou um prestigioso especialista em doenças do sangue ou da pele, um político profissional ou um tecnocrata cotizado; poderia ter sido um fascinante conversador de bar, ou um aventureiro, apaixonado das aventuras, pelo fato de serem aventuras. Anos depois, poderia ter ficado sendo o dirigente idolatrado de uma revolução já consagrada pelo êxito. A direita anseia sempre derrubar aos revolucionários numa poltrona de psicanalista, diagnosticar a rebelião, reduzindo-se a um quadro clínico de alguma frustração original, como se a militância e o compromisso fossem apenas o resultado de alguma mamadeira não servida em tempo.

O Che era o exemplo vivo de que a revolução é a forma mais pura da fraternidade, mas também a mais difícil. Não o desafogo patológico de um senhorito de família bem na ruína, mas sim um ato contínuo de amor a generosidade e despreendimento: poucos homens, na história de nosso tempo, renunciaram a tanto e tão reiteradamente, em troca de uma ou duas esperanças, e sem pedir nada para si. Sem pedir para si nada além do primeiro lugar na hora do sacrifício e do perigo, e o último na hora das recompensas e da segurança. Poucos homens na história de nosso tempo contaram com tão boas desculpas para oferecer a sua consciência: a asma que o acometia sem cessar ou o importantíssimo papel que desempenhava na construção do socialismo em Cuba. Ele próprio já contou como era difícil para ele, escalar as montanhas, no tempo de Sierra Maestra: "Lembro como era penoso, para o guajiro Crespo, me ajudar a caminhar, naquelas horas. E quando eu não aguentava mais e pedia a eles que

me deixassem pelo caminho, o guajiro me dizia, com o vocabulário especial de nossas tropas — "argentino de merda, ou caminhas, ou tem empurro às coronhadas". Apesar dos constantes desafios da asma, o Che soube ser um ministro da revolução capaz de cortar cana ou dirigir tratores com o rosto inchado pela cortisona, e o inalador amarrado na cintura. Da mesma forma soube ser o melhor aluno do coronel Bayo, no México, quando os homens de Fidel Castro se preparavam para a invasão. Naquelas dias do México, o Che ganhava a vida tirando fotografia das crianças nas praças e vendendo imagens da Virgem de Guadalupe; ao ser deportado, pelo governo, fugiu do aeroporto e juntou-se a seus companheiros.

Antes do México, havia começado outra guerra secreta: a luta contra o cinismo e a incapacidade de fé que parecem inerentes ao espírito dos rioplatenses. Quando ouviu uma multidão de jovens barulhentos falar, num café de Costa Rica, do assalto ao Moncado, e da revolução que estavam para efetuar contra Batista, o Che comentou: "Porque não contam outra de FarWest?" Esses mesmos jovens lhe apresentaram, algum tempo depois um gigante recém libertado da prisão de Pinos, chamado Fidel Castro.

Recentemente, em Buenos Aires, tive o imerecido privilégio de ler a carta que a mãe do Che tentou enviar-lhe, pouco antes de morrer, e que nunca chegou a seu destino porque Guevara já havia desaparecido. Como se pressentisse sua própria morte, a mãe explicou nessa carta que diz aquilo que ela

acha que deveria dizer, da forma mais natural e direta, e pede que ele responda da mesma maneira: "Não sei se perdemos a naturalidade com a qual nos tratávamos, ou se nunca a tivemos, ou se sempre nos falamos naquele tom levemente irônico, que praticamos aqueles que vivemos às margens do Plata, agravado ainda por nosso próprio código familiar, mais fechado ainda..." Alguma coisa deve ter dito a ela o Che, sobre suas próximas andanças, pois em outro parágrafo Célia diz: "...sim, sempre serás um estrangeiro. Parece ser teu destino permanente".

Uma amiga próxima da mãe do Che, o definiu assim: "Os amigos íntimos e as noivas do Che são agora uma legião em Córdoba. A verdade é que tinha um magnetismo enorme, entende? Esse rapaz que ouvia Vivaldi, lia Heidegger e se lançou pela América, estava tentando praticamente todas as opções. Acho que foi Trotsky, não sei, quem disse que o revolucionário mais apreciável é aquele que pode eleger alguma outra coisa no lugar da revolução, e no entanto a escolhe. Desde então, a solidariedade resultava, de certa maneira, uma obrigação. Não podia aceitar outra vinculação profunda que não fosse a própria revolução. Ele sempre teve uma profunda necessidade de pureza, sempre foi íntegro".

De fato, esse homem que tinha tão abertas as portas do êxito profissional e mundano, converteu-se no mais puro dos dirigentes revolucionários ocidentais. Em Cuba era o jacobino da revolução — "Cuidado, que aí vem o Che", advertiam os cubanos, brincando, mas falando sério. Essa necessidade de ser íntegro e

puro se traduziu, então, em uma insuperável capacidade de sacrifício pessoal, era intransigente consigo mesmo até o extremo de não se permitir sequer uma fraqueza, para poder apoiar sobre sólidas bases seu alto nível de exigências perante os outros. Carecia da flexibilidade de Fidel Castro, quem já deu muitas provas de sua habilidade para negociações políticas desde os tempos em que fez pacto com Deus e o diabo, antes de conquistar o poder, ganho na serra e na cidade. Desde que se fez guerrilheiro, o Che dá a impressão que vivia em função do ditado tudo ou nada: não é difícil imaginar as cansativas batalhas que este intelectual refinado deve ter travado com sua consciência, frequentemente tentado pela dúvida, para finalmente ganhar essa certeza de aço.

"É talvez a lenda mais fascinante da América Latina, depois do Eldorado", escreveu o Times de Londres. Um jornal falangista de Madri o comparou aos conquistadores, pela enorme magnitude de suas façanhas, e Azuly Bianco, órgão do nacionalismo de direita da Argentina afirmou que — "foi um herói do século XIX". Fidel Castro disse que nunca se poderá falar dele em tempo passado, e o próprio general Ovando reconheceu que foi "um herói em qualquer parte do mundo". O presidente René Barrientos, qualificado de "idiota" pelo Che em seu diário de guerra, declarou que "morreu um idealista". O padre Hernan Benitez, que foi confessor de Evita Perón, exalta a figura do chefe caído, nestes termos: "Como os judeus do Velho Testamento acreditavam que o profeta Elias sempre permane-

cia vivo, os espanhóis da Idade Média o Cid Campeador; e os gauleses, Artus; é também possível que nos anos vindouros, os soldados do Terceiro Mundo acreditem sentir a presença alucinante do Che Guevara no auge das lutas guerrilheiras".

As penas alugadas, no entanto, não perderam a ocasião de demonstrar sua capacidade de infâmia: uma revista argentina sugeriu que o Che tinha sido o assassino de Camilo Cienfuegos; outra afirmou que melhor está morto do que vivo, pois assim fica claro que o terror não é a via do progresso para a América Latina; uma outra afirmou estar surpreendida pelo fato de que os guerrilheiros não são produzidos pelo ocidente, mas sim pelos "países comunistas". Eu imagino o Che, afastando com um sorriso levemente amargo, todo esse palavreado luxuosamente impresso, que ofende tanto a inteligência, como a sensibilidade.

Penso naquela frase exata de Paul Nizan: "Não existe nenhuma grande obra que não seja um relato do mundo". A vida de Che Guevara, tão perfeita pela sua morte, é, como toda grande obra, uma acusação formulada, desta vez aos balaços, contra um mundo, o nosso, que converte a maioria dos homens em bestas pra carregar a minoria dos homens, e condena a maioria dos países à servidão e à miséria, em benefício da minoria dos países, é também uma acusação contra os egoístas, os covardes e os conformistas que não se dedicam a mudá-lo.

Porque de agora em diante, a morte de Che Guevara, teremos de merecê-la.

CRÍTICA Lauro Junkes

Os Contos da FURB

Mais uma editora está em vias de firmar-se no Estado, fato que sempre é auspicioso para todos os que convivem com as letras. Refiro-me à Editora Acadêmica, de Blumenau. O ponto de partida e a experiência devem situar-se neste Jornal O ACADEMICO, há alguns anos projetando a cultura catarinense, através do espírito dinâmico de Oldemar Olsen Jr.

Amadurecida a experiência, prémente a necessidade e existentes as condições mínimas, assistimos à consolidação do projeto. OS CONTOS DA FURB, volume de primorosa apresentação e de conteúdo que valoriza nosso melhor esforço, está atestando a paternidade (ou maternidade?) da Editora Acadêmica.

O volume reúne os mais destacados concorrentes do já tradicional concurso estadual de contos: "seleção dos melhores trabalhos premiados pela FURB-Fundação Educacional da Região de Blumenau - em 1975, 1976 e 1978", precedendo-os um prefácio analítico de Osmar Pisani. Marcam presença os cinco primeiros classificados de cada ano do concurso.

Os premiados do concurso de 1975 foram: em primeiro lugar Maria Odete Onório Olsen, presente com dois contos curtos, densos e de alta elaboração formal, narrados a partir de uma perspectiva muito particular e limitada, o que contribui sensivelmente para adensar a atmosfera de angústia e opressão

"Sem Rimas e Sem Razão" faz aflorar a complexidade alógica que subjaz ao consciente e racional, as perplexidades de quem, na sua visão restrita, não logra abranger o significado dos acontecimentos. Já "Tábuas, Suor e Sangue", entrecruzando presente e passado, amor e dor, mundo exterior e interior, numa fusão angustiante, expõe o dilaceramento íntimo e a aflitiva situação física da faxineira parturiente.

Altino Kretzer também constrói dramaticamente bem seu "Desforra", cena viva a partir do foco da protagonista Helena, ao conscientizar-se de sua "queda" desastrosa: "Tudo acabara abruptamente no misero quarto de pensão, testemunha muda da agressão física e moral a que fora submetida" - e acaba dissimulando o ódio e realizando seu ideal de artista no prostíbulo.

José Roberto Rodrigues narra o conto "Narciso e os Pardais" num tom estranho, irônico e constantemente perpassado de ambigüidade, ao delinear a maníaca obsessão do seminarista Narciso, em defesa do equilíbrio ecológico entre pardais e tico-ticos. A referência final a Osicram, retomando o ciclo, sugere várias conotações.

"Tempo de Opção", de Vilson Antunes Jr., narra um episódio existencial de um piloto de avião particular, sozinho nos céus dos pampas em noite de tormenta, até resolver-se a saltar de pára-quadras.

Dupuy Antônio Cortes traça em "Mulata Madalena" um rá-

pido confronto entre passado e presente, entre os tempos de programinhas com as atrações da mulata e a posterior solidão.

No concurso de 1976 destacaram-se, pela ordem de classificação: Serge Goulart que introduz seu "O Corredor Noturno" com uma sugestiva epígrafe de Kafka, desenvolvendo então um libelo, quase dissertativo, sobre a insegura e inquietante situação do homem na grande cidade, onde o absurdo poderá surpreendê-lo a qualquer momento.

Juraci Carlini, em "Os Três Cativos e a Divindade", ingressa no âmbito do fantástico, ao acompanhar o narrador e seus colegas, isolados por causa da chuva numa caverna mítica-mágica, habitada outrora "pelo

grande feiticeiro dos misteriosos Tshybokees" onde o temor ante o mistério provoca a reflexão: "seremos fragmentos de célula divina?"

Pela segunda vez obtém classificação José Roberto Rodrigues que apresenta sua "Estória em Linha Reta" sob a forma de dois depoimentos em terceira pessoa do padastro (?) e do afilhado (?): o primeiro, um viciado em drogas que, num dos seus dias de exagero, é morto pelo segundo, que lembra os acontecimentos na cadeia.

Luiz Abel Silva narra "O Apostador" em estilo entrecortado, num ritmo duro, fazendo desfilar, entremeados aos resultados dos treze jogos, o eterno sonho de ganhar a loteria esportiva, solução para as duras tentativas de vencer na vida.

E Serge Amaral de Oliveira faz de "Ser Homem...Ser muito Pouco" um misto de crônica e de conto, com longa dissertação inicial sobre a condição humana e falta de solidariedade. A sequência narrativa contém lances um tanto melodramáticos e forte acento na sentimentalidade.

Finalmente, vamos aos vencedores de 1978. José Curi delinea, em "Fonjo", a figura caricaturesca do colono - alma ingênua - que vai à capital e cai imprudentemente no carnaval. Todo o desenrolar posterior das peripécias do colono em busca de melhorias e finalmente de conservar sua própria terrinha, contém muitos elementos de ironia e crítica.

João Nicolau de Carvalho estrutura "As Capivaras" no mais puro estilo cinematográfico,

co, como que de um observador captando, com frio naturalismo, uma cena existencial.

Edith Kormann revela-se muito sutil no seu denso conto "A Cobra que se encaminha para o realismo mágico na medida em que muito bem sugere a fascinação exercida pela obra e o resultado de cura do câncer.

"A Menina Encardida", de Inês S. Mafra, apresenta-se um conto muito bem delineado, ao fazer desfilar o fluxo de imagens mentais, simbólicas e surreais que revelam a situação da menina desajustada às ordens da mãe.

Enfim, César Augusto Mortari - que foi triplamente premiado em concurso para estudantes da UFSC em 1978 (conto, poesia e crônica) - aborda em "Korinn" os carinhos da automatização, dentro do gênero da ficção científica em que vem-se destacando.

O volume OS CONTOS DA FURB não apresenta absolutamente as características de trabalhos de principiantes ou de amadores. O nível geral bastante elevado recomenda a leitura desses contos, colocando-os ao nível de muito lançamento de âmbito nacional. A apresentação do livro vem sensivelmente enriquecida por primorosa ilustração de artistas como: Reinaldo Pfau, Elke Hering Bell, Rubens Oestrom, Alberto Luz, Jayro Schmidt, Guido Heuer, Johanna, Lygia Rousseng Neves e outros. Só nos resta reconhecer os méritos que cabem à FURB, pela promoção dos concursos e à Editora Acadêmica, pela iniciativa de reunir em livro os vencedores.



CREFISUL S.A.

FINANCIAMENTOS
CAMINHÕES E AUTOMÓVEIS
NOVOS E USADOS
CAPITAL DE GIRO
CRÉDITO PESSOAL
LETRAS DE CÂMBIO - DL 157

Rua XV de Novembro, 1336
Edifício Brasília - Térreo - 5/7
Fone: 22-5660
BLUMENAU

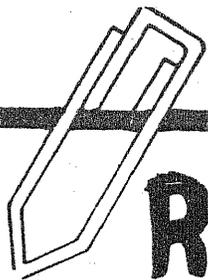
Berim - Berim

1º SUPERMERCADO DE ARTIGOS DE PERFUMARIAS DO SUL DO PAÍS

2.000 Artigos de Higiene e Toucador, à sua livre escolha.
Sala de Beleza.
Artigos e Móveis para Cabeleireiros.

LOJA 1
R. Nereu Ramos, 44
Fone: 22-0367
BLUMENAU

LOJA 2
R. Hercílio Luz, 49
Fone: 44-2122
SC ITAJAI SC



RECADO

Por *Vilson do Nascimento*

MALA DIRETA

Odir Nascimento

O "EXPRESSIONISMO ECOLÓGICO" DE IRIS JURGES

Cursando o terceiro semestre na Escola Superior de Artes de Berlim (Hochschule der Kunst Berlim) Iris Jürges (22-8-56), com exposição marcada para 22 de outubro na Galeria de Arte e Artesanato Ki-Kriei, é natural da cidade de Salzgitter, Alemanha Ocidental. Condiscípula do artista blumenauense Rubens Oestrom, Iris permanecerá até o final do ano no Vale do Itajaí, quando concluirá seu estágio (apreciar, conhecer e investigar nossa cultura geral e, em especial, nossa cultura artística). A mostra faz parte da programação oficial dos XX Jogos Abertos de Santa Catarina, realizados em Blumenau de 21 a 27 de outubro. Esta primeira individual da artista é uma homenagem aos professores-artistas Hoelzmann e Kaminsky, ambos da Escola de Berlim.

Raízes é o tema principal da mostra que ocupará o espaço em forma de L (ele) da Galeria Ki-Kriei. Há algum tempo, conforme confessou-nos, Iris vem pesquisando e desenvolvendo trabalhos sobre este tema. Servindo-se de carvão, pastel, grafite, aquarela, guache e nanquim sobre igual variedade de papéis (fabriano,

kraft, cartolina, etc.) e ao contatar vivamente com nossos elementos vegetais,



Iris Jürges: Investigando o panorama artístico no Vale do Itajaí

esta jovem artista, de forma subjetiva e vibrante, dá vazão a uma obra de forte significado expressionista. Vigorosa é sua linguagem. E não poderia ser outra, pois igualmente vigorosas e volumosas são as raízes escolhidas pela artista.

Atualmente sua procura esten-

de-se às árvores e seus frutos, revelando toda sua inquietação e busca artística. Poderíamos epigrafar de "RAÍZES" esta primeira individual onde a artista, através de seu "expressionismo ecológico" revela todo seu vigor e força criadora.



Na flora do Vale os elementos para uma expressão forte e pessoal

Arlene Córdova Lisboa - nasceu em Lages, numa fazenda fronteiriça ao Rio Grande do Sul, onde passou grande parte de sua infância.



Uma escritora de berço. Nunca parou por muito tempo em escolas. Sempre foi introspectiva. Com forte tendência em formar o seu mundo. Só dela.

Menina ainda, ingressou no jornalismo onde vem atuando até hoje. Assina colunas no "Correio Lageano" e no Jornal "O Sol" de Camboriú.

Bastante criativa - ela busca através de sua rica sensibilidade retratar o ser humano e o seu mundo interior através das coisas que escreve.

Às vezes - ela capta um personagem em "close". Outras vezes - com um plano apenas. Ou quase sempre - em tomada geral.

Arlene - vem aí com seu livro de estreia "Contos, Crônicas e Vivências" que está sendo impresso na Gráfica Wilson de Lages, com capa de Nereu Góss (crítico de artes e Membro do Conselho municipal de cultura) e Moacir Ramos. Apresentação deste colunista.

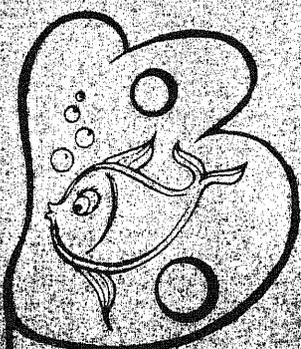
É assim a Arlene. Um talento de Lages que assinala seu passo definitivo dentro das letras catarinenses.

(O) Em novembro estará acontecendo cá na Ilha, o Projeto "Poemural". Visa integrar o poeta com o artista plástico. Promoção do Studio de Arte e Associação de Artistas Plásticos de Florianópolis.

(O) Circulando o nº zero experimental do tablóide "Boi de Mamão" da Fundação Catarinense de Cultura.

(O) "Rasga Mortalha" é o título do livro que marca o "debut literário" de João Nicolau Carvalho. Edição Lunardelli. (O) Agora na Casa dos Açores (em São Miguel) estão expostos ao público as obras do folclorista Franklin Cascaes. (O) As obras faziam parte do acervo do Museu de Antropologia da UFSC. Vale a pena prestigiar não somente pelo valor e beleza dos trabalhos - mas pelo todo que Franklin representa dentro da cultura catarinense. (O) Dia 22 de dezembro - o radialista Allan Braga entregará seus 25 troféus aos melhores dos meios de comunicações, imprensa, rádio, artes e literatura cá na Ilha. (O) Foi gravado o segundo LP de Natal do Coral da UFSC, pela Estéreo Som. A gravação foi na Catedral Metropolitana. (O) De Lages - estou recebendo trabalhos da escritora e jornalista, Silda. Ela assina "Espaço Aberto" no Correio Lageano. Em pauta para publicação cá no espaço. (O) Nos dias 3 e 4 de novembro próximo, estréia no TAC, mais um espetáculo infantil do Grupo Galpão. Desta vez, "dona Patinha Vai ser Miss".

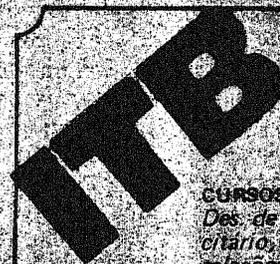
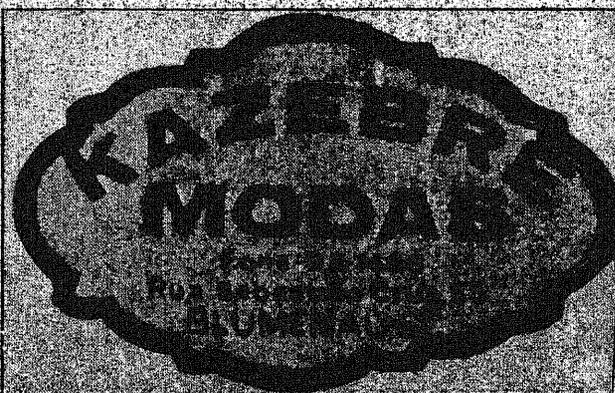
Direção do ótimo Fernando Luis. (O) Rodrigo de Haro está expondo na Galeria Ars Artis de São Paulo. Na Ilha, raramente expõe. (?) (O) João Olíbio - artesão que trabalha com palha de bananeira e espigas de capim mostrando maravilhas com sua individual no Stúdio de Artes. (O) Em pauta - matéria sobre a pintora Rosi Darius de Blumenau. Aguardem. (O) Contistas & Cronistas Catarinenses - antologia reunindo prá mais de 80 autores entre novos e veteranos - lançada pela Lunardelli - acontecendo em compasso de sucesso. (O) E breve pela Editora Acadêmica, "Outros Catarinenses Escrevem Assim". (O) "O Acadêmico" está sendo distribuído em Florianópolis pelo casal amigo - Alvaro e Christina Machado de Oliveira, da Amo Distribuidora. Nossos agradecimentos pela colaboração (O).



BLUMENAU MODAS

CHEGUE PERTO DOS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

RUA CURT HERING, 322 - BLUMENAU - SC



INSTITUTO TÉCNICO BLUMENAUENSE

CURSOS: Decoração, Des. arquitetônico, Des. de máquinas, Des. artístico e publicitário, Des. de perspectivas, Des. de instalações prediais.

RUA XV DE NOVEMBRO, 1336 - CONJ. 65 ED. BRASÍLIA FONE 22-5687

TRANSBLU
TRANSPORTES E SERVIÇOS LIDA.

SÃO PAULO - BLUMENAU
PRÁ QUEM TEM PRESSA

DANÇA

Algo mais sobre ela, além de apenas vê-la acontecer no palco

Todos os corações sentem o apelo do belo, mesmo que - como diz Anatole France - "jamais conseguimos saber por que motivo uma coisa é bela". Qualquer objeto ou manifestação que possa satisfazer a alguma necessidade de nossa natureza, possui possibilidades estéticas. Os conceitos de beleza variam entre épocas, civilizações e ambientes. Para os selvagens há beleza nos lábios grossos e nas cicatrizes lividas; para os gregos ela residia na mocidade e na calma simetria das esculturas; os romanos a viam na ordem; a Renascença, na cor. Em nossos tempos ela está na música e na dança, como também na natureza, com a qual sempre coligamos a arte, dizendo que o gorgoejo dos pássaros é qual uma sinfonia e que as árvores dançam ao embalo dos ventos.

A partir de estudos filosóficos e Siopsicológicos que se acumulam durante séculos, Will Durant conclui que a beleza é a qualidade pela qual alguma coisa nos agrada, independentemente de sua utilidade, despertando em nós a contemplação e uma desinteressada felicidade. Resumo, ainda, que para nós a beleza primária são as pessoas, secundária, a natureza e terciária, a arte.

É precisamente dentro deste triângulo HOMEM-NATUREZA-ARTE, que as pessoas procuram causar a outros e buscar para si uma espécie de materialização de todas aquelas sensações e desejos íntimos, que, em virtude de sua natureza secreta e individualmente espiritual, causam a solidão de cada alma, ou o amor de todas.

A dança, para quem a vê acontecer no palco, significa muito mais que apenas o prazer de acompanhar aquele corpo soberbamente treinado, flutuando entre o brilho e a bruma de cenários fantásticos. Em cada movimento do bailarino há uma poesia infinita, que pode tornar-se ilimitadamente a linguagem de tantos quantos queiram interpretá-la.

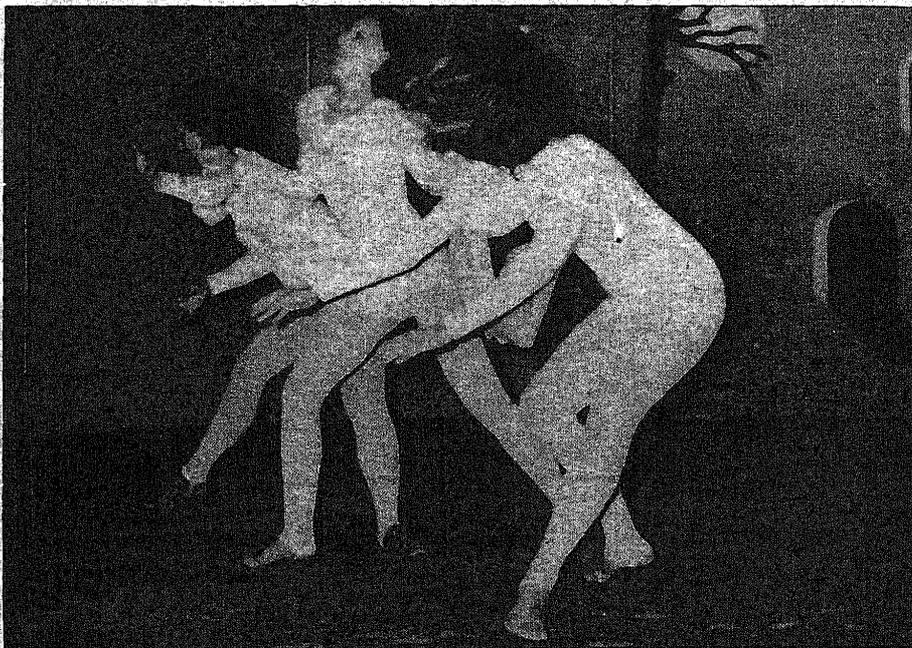
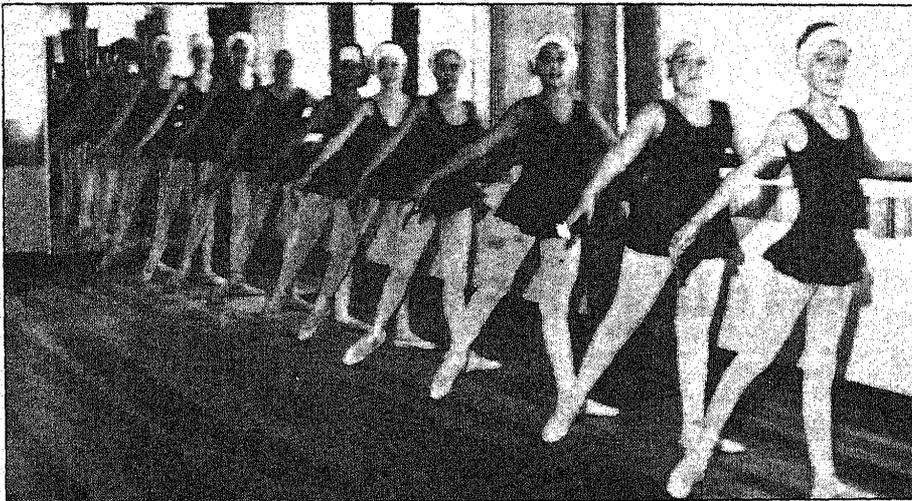
O BAILARINO

O ritmo é a origem de tudo! "O universo é um pulsar constante", nos lembra Einstein. Com pulsação a vida teve início e onde cessa o ritmo, há lugar apenas para a morte.

Assim, desde sempre esteve no homem a necessidade de invocar seus deuses através de tambores, anunciar a guerra através de urros, saudar as colheitas com canções alegres e festejar os matrimônios com danças solenes ou demonstrar o luto em marchas fúnebres.

Dançar é, portanto, dar forma à pulsação interior.

Mas isso não é tudo. Outro sentimento que nos move à dança, é o que Friederich Regner chama de: "a saudade eterna: o homem voador". Consciente ou inconscientemente somos todos algo como fcaro, cada qual a seu modo, voando, afastando-nos da terra árida e real demais para nossa natureza sonhadora. Uns escrevem, outros cantam, terceiros apenas divagam, e para aqueles que fisicamente desejarem aproximar-se mais ao vôo (excluindo aviadores e paraquedistas!), resta a dança. E com esta decisão nasce um compromisso muito sério, tão sério, que a maioria das pessoas o abandona em seguida. O trabalho diário (que os bailarinos chamam de "fazer aula") perdura até o fim da carreira e nele se repetem sempre os mesmos exercícios básicos e se criam outros, mais e mais complicados. Mesmo os grandes dançarinos profissionais, ou melhor, justamente estes, não se podem conformar em perder um dia de



treino. Imediatamente sentirão o lapso, perderão agilidade, flexibilidade e força. A rígida disciplina, física e mental, dentro e fora da "aula" é o que afugenta a maioria dos principiantes, mas é ela, também, que se tornará a gratificante paixão do bailarino bem sucedido.

E agora uma questão de civilização: se ele tiver nascido na Rússia, na Inglaterra ou na França, de onde vem os maiores bailarinos do mundo, com um pouco de esforço a dança lhe conferirá pelo menos "um lugar ao sol", se, contudo, apesar de ter talento, ele nasceu nalgum lugar onde o Balé não merece sequer a importância equivalente àquela dada ao futebol, sua luta será um tanto mais áspera.

BALÉ NA EDUCAÇÃO

Crianças, a partir dos quatro anos, inscrevem-se para as aulas de balé. Algumas estão ali por recomendação médica (para corrigir pés chatos ou problemas de coordenação motora). Para os pais de outras, faz parte da cultura. Outras apenas gostam das aulas de dança com as amiguinhas ou estão ali representando sua mãe, uma bailarina frustrada. Muito poucas, das crianças que frequentam duas aulas semanais, pensam em fazer carreira e dentre estas, um número ainda menor chegará a fazer alguma espécie de carreira profissional. Assim sendo, seria inútil sobrecarregar as pequenas alunas com técnica pura e severa. Os primeiros graus, do curso de balé, enfatizam um objetivo muito mais salutar e condizente com a educação geral da criança. Aqui, o balé funciona como interação e desenvolvimento orientado de dança, musicalidade e ritmo. Como consequência natural, desenvolvem-se a criatividade, o desembaraço, agilidade, coordenação, concentração e segurança, contribuindo positivamente na formação da personalidade infantil.

Simultaneamente e imperceptivelmente, desenvolve-se a base técnica necessária àquelas crianças que tiveram a chance de prosseguir na carreira. Mais que isso, as aulas nos primeiros anos da educação infantil, orientadas com a devida competência, proporcionam conhecimentos gerais de história, geografia e artes em geral, através de comparações e explanações que acompanham pequenas danças nacionais de vários países e épocas, inseridas no programa.

Além da técnica clássica, não ficam em segundo plano os exercícios de pantomima, improvisação e interpretação musical.

Posteriormente, já entrando na "fase dramática" (mesmo que ainda não profissional), os alunos começam a travar conhecimento com disciplinas teóricas como Anatomia e Dança; História da Dança; Cenografia; Libretos; Etnologia e Nomenclaturas; Coreologia, etc.

CONCLUSÃO

Neste mundo abarrotado de comunicações e extravazamentos, não seria realmente inútil refletirmos um pouco sobre a maior de todas as nossas pulsações. E então, onde quer que ela se manifeste, saberemos entendê-la e alimentá-la com ela uma sensação de desinteressada felicidade.

Mesmo que você jamais tenha perdido seu tempo com algum balé, por se dizer que não entendo mesmo de dança, experimente ver seu vôo libertador. Não é preciso ser um cozinheiro apaixonado, para apreciar um bom prato.

por Beatriz Niemeyer, diretora técnica do CORPO DE DANÇA MARIA DE CARO, Blumenau



GETÚLIO CIDRAL
COMÉRCIO VAREJISTA DE LIVROS

VOCE ESTUDANTE ! ANOTE O RECADO
Temos para pronta entrega o NOVO DICIONÁRIO JURÍDICO
JOSE DE NAPEL, pelo melhor preço.
Ligue 22-5373

RUA XV DE NOVEMBRO, 1336 - 3º ANDAR - SALA 31
FONE: 22-5373 - BLUMENAU - SC



Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

Impressos em geral. Etiquetas, Rótulos
Adesivos e Etiquetas em Nylon para Con-
fecções. Papelaria, Artigos para Escó-
lares, Desenho, Escritório e Engenhari-
a.

RUA XV DE NOVEMBRO, 819 - BLUMENAU - SC
CP 31 - FONES: 22-5412 e 22-5611

ARTES - Lindolf Bell

DESTERRO

ENÉAS ATHANÁZIO

OSWALDO RODRIGUES CABRAL foi, sem dúvida, um historiador dos mais completos. Tinha o gosto pelo historiografia, a paciência beneditina dos pesquisadores, o faro dos investigadores e uma sólida base cultural. Ademais coisa nem sempre encontrada nos ensaístas, escrevia muito bem, com firmeza e elegância, retirando das suas lições aquele ar pedante e doutoral que faz de tantos livros históricos (em especial alguns "didáticos") um abominável instrumento de fastio.

"Nossa Senhora do Desterro em dois alentados volumes, e que a Editora Lunardelli acaba de lançar em caprichada edição, constitui-se numa das mais expressivas obras do saudoso intelectual catarinense.

Nesse trabalho, a par de inúmeras e curiosas ilustrações, documento de raro valor e raríssimas fotografias, desvenda ele a evolução da nossa Capital, desde os priscos dias de sua fundação até o ocaso do Império. São mais de mil páginas repletas de informações, fatos importantes e curiosos, visões das atividades sociais, políticas, econômicas e culturais. Tudo isso disposto de modo cativante e lastreado em respeitáveis fontes de informação, num trabalho que custou ao autor nada menos do que trinta anos de pesquisas e anotações.

Fugindo às convenções de gênero, dividiu o autor o seu livro em capítulos independentes, cada um deles constituindo-se num ensaio distinto dos demais. Entremendo a narrativa com fatos pitorescos, muitos deles bem representativos do temperamento ilhéu, logrou dar à obra um teor alegre e pouco convencional, sem prejuízo de sua exatidão e rigidez científica. Tornou-o agradável e vivo.

"Está aqui toda a cidade do Desterro - observou o crítico - com as suas gentes de todo tipo, os seus poetas, os seus mandões, os seus clérigos, os seus escravos, as suas meretrizes e marinheiros..."

Repositório de um passado farto de tantas coisas boas, em que a vida era sorvida dia-a-dia sem as tropelias de hoje, aí está um livro que não pode deixar de ser lido por quantos desejam conhecer a história de uma cidade tão cara a todos nós catarinenses.

CATARINENSES EM DESTAQUE:

- A Editora Acadêmica, nova casa publicadora que surge em Blumenau, acaba de editar o volume "Os contos da FURB". Nele estão reunidos os quinze contistas selecionados nos três concursos de contos levados a efeito pela Fundação Educacional da Região de Blumenau. São eles: Maria Odete Onório Olsen, Altino Kretzer, José Roberto Rodrigues, Wilson Antunes Júnior, Dupuy Antônio Cortes, Serge Goulart, Juracy Carlini, Luiz Abel Silva, Sérgio Amaral de Oliveira, José Curi, João Nicolau de Carvalho, Edith Kormann, Inês S. Mafra e Cêzar Augusto Mortari. O livro merece atenção, tem trabalhos excelentes e fornece uma visão do que estão produzindo os novos valores do Estado.

- ELÍDIA STIEVEN BASTOS lança, também pela Lunardelli, o volume "A Caminho da Redação", onde procura transmitir a sua experiência acumulada no magistério, fazendo "com que os alunos gostem de redigir". É um ensaio destinado aos mestres e que se constitui num roteiro para despertar nos educandos o amor pela língua, pela leitura e, conseqüentemente, pela arte de redigir. É uma contribuição interessante e que bem merece a atenção de quantos se dedicam ao ensino.

- A mesma Editora Lunardelli está lançando o I Concurso Catarinense do Livro Infantil, objetivando o aparecimento de novos trabalhos originais destinados à infância. O primeiro colocado terá um prêmio e o seu livro publicado e divulgado em âmbito nacional. Devem os interessados obter detalhes à Rua Victor Meirelles, 28, em Florianópolis. A postos, amigos! Haverá canoíhenses que se habilitem?

ROSI DARIUS EXPÔS NA FURB

Encerrou dia 4 de outubro a exposição da artista plástica Rosi Darius.

A mostra foi uma promoção do Depto. de Cultura da FURB e permaneceu aberta do dia 20 de setembro ao dia 4 de novembro.

Uma retrospectiva em

que se pode contemplar diversas fases da conhecida pintora naturalista.

A exposição foi definida como um balanço dos últimos quatro anos de atividade da pintora.

Quadros à óleo, aquarelas e alguns desenhos mos-

tram a beleza recriada segundo uma concepção particularíssima da autora - uma realidade não fotográfica - criando e desenvolvendo suas próprias tonalidades e formas.

Rosi tem trabalhos em exposição permanente na Galeria Açu-Açu.

Rosi Maria Winkler Darius.

Nasceu em 28 de maio de 1942, em Blumenau, Sta. Catarina. Seus primeiros passos dentro da arte foram com a música e a poesia e depois a pintura.

Estudou técnica e cor com Reinaldo Manske.

1972 - Individual em Timbó e Balneário Camboriú, Sta. Cat.
 1973 - Participou da Exposição "Prêmio Renoir" em Florianópolis.

1974 - Individual em Maringá e Londrina, no Paraná.

1974 - V Coletiva de Artes Plásticas Barriga Verde, em Blumenau.

1975 - Coletiva de Artistas Catarinenses, Galeria Eucatepo, em Curitiba.

1975 - Individual na Galeria Açu-Açuem Blumenau.

1975 - Coletiva Blumenauense na Assembléia Legislativa, em Florianópolis.

1975 - 1º Salão Barriga Verde de Artes Plásticas da Mulher, em Blumenau.

1976 - VI Coletiva de Artes Plásticas Barriga Verde, em Blumenau.

1976 - Coletiva na Galeria



Óleo sobre tela



Rosi Darius em seu atelier

Verde Vale, Itajaí, 1976
 1977 - Arte Catarinense, em Chapecó.

1977 - Coletiva Ars Artis, em Florianópolis.

1977 - Acervo Galeria Açu-Açu em Blumenau e ASSAC, em Brusque.

1977 - Galeria Victor Meirelles, em Florianópolis.

1977 - Acervo Galeria Açu-Açu, em Blumenau e Clube Alvorada, em Gaspar.

1977 - Panorama da Arte Catarinense, Balneário Camboriú.

1977 - II Feira de Artesanato, em Blumenau.

1978 - Convocação - Leilão Pró-Asilo dos Velhos, em Blumenau.

1978 - Doze Artistas Catarinenses - Caxias do Sul, RS.

1978 - Doze Artistas e um Poeta, em Joinville.

1979 - Exposição de Artistas Blumenauenses na Tecelagem Kuehnrich Blumenau.

1979 - Coletiva do Artista Catarinense, FURB, Blumenau.

Obras em acervo: Galeria Açu-Açu, Blumenau, Sta. Cat. Paço das Artes, Rio de Janeiro, RJ.



LIVRARIA ACADÊMICA

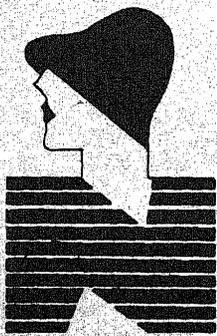
AGORA MAIS PERTO DE VOCÊ

Rua Antônio da Veiga (Perto da FURB) Em novas e modernas instalações.

Blumenau

VISITE-NOS

Santa Catarina



*nô-ella
 boutique*

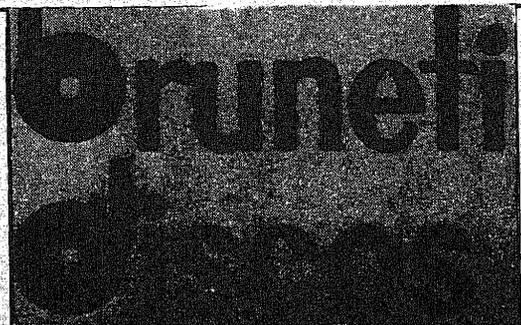
Rua Paul Hering, 90
 Ed. Kennedy - 80 Sobrelaja
 Fone: 22-0937 - Blumenau - SC

JOAÇABA COLOR

REVELA O "CLIC" COLORIDO
 & PRETO E BRANCO DE SUA VIDA
 - EM 48 HORAS -

VENDAS DE MATERIAL FOTOGRÁFICO EM GERAL

RUA RODOLFO FREYGAND, 19 FONE 22-2157
 ESQ. BEIRA RIO BLUMENAU - SC
 - AO LADO DA HABITASUL -



• FLORIANÓPOLIS • CURITIBA
 • BLUMENAU • PONTA GROSSA

POLÍTICA ESTUDANTIL

— UMA FORÇA

DE LIBERDADE

Roberto Diniz Saut

Da relação Estado e Povo, da inter-relação Governo e Governados, do inter-relacionamento pessoa e pessoa, comércio e pessoa, indústria e pessoa, procura e mercado, surgem várias formas de escravidão, talvez bem mais cruéis que a própria escravidão física: a dependência econômica; a obediência obrigatória às absurdas leis (certas leis); a presença de normas que impedem a ação livre; a presença de pessoas ultrapassadas no comando de Ministérios, de Secretarias e Órgãos Governamentais e Educacionais ditando decisões parciais que não atendem a necessidade básica do desenvolvimento pessoal e coletivo; a instabilidade dos preços de mercadorias de primeira necessidade; a infinita multiplicação de leis; a ausência de elevado nível de ensino-aprendizagem em várias universidades; o desprezo ainda acentuado pela área educacional do ensino profissionalizante; a incultura de milhares de professores de 1º, 2º e 3º graus; o analfabetismo; a educação meramente teórica e confusa; a presença de professores formados pelas nossas escolas onde o livro e a pesquisa séria são relegados a um segundo plano; a cultura oral da nossa gente; o cordeirismo do nosso estudante e do nosso povo, a começar pelos políticos; o desconhecimento (pelo menos reflexo das atitudes) de causa dos nossos homens públicos... a maioria deles; a concepção errônea de que o estudante nasceu apenas para estudar, sem atividades políticas paralelas.

Podemos, assim, enumerar em volumes itens que nos escravizam no passar dos anos, quase que consequência da nossa própria mentalidade conformista, afirmativa dos nossos atos, representada pelas expressões tão correntes no nosso meio: -deixa pra lá! dá-se um jeito! -isto é assim mesmo! -nosso povo é pacífico! -um dia isto muda! -antigamente não era assim! -eu estou bem...o resto não me importa! -isto é coisa pra políticos! -esqueça isto, não nos compete!

Mas, ignorando todas as formas de escravidão que enumerei, pretendo me ater apenas à não participação política do nosso estudante universitário junto ao contexto da nossa realidade política brasileira, consequência da filosofia de governo dos nossos homens mandantes. Em tese geral todos nós somos governo e ao mesmo tempo somos governados pela nossa própria vontade. Bem, isto seria vivido plenamente se realmente vivêssemos uma forma de liberdade política irrestrita ou, seja,

a democracia na sua concepção mais abrangentes. Acontece, porém, que nosso país vive ainda um regime especial chamado de "democracia relativa", cujas normas são na maioria ainda ditadas pela vontade do poder supremo político, sem muita participação da base piramidal representativa: a população brasileira e seus deputados e seus senadores. Porque? Porque ninguém, livre e secretamente pode opinar através do voto direto, principalmente nas áreas executivas. Os legislativos federais, estaduais e municipais são consagrados (e mesmo assim não plenamente) pelo voto direto, porém, prejudicados pelo enfraquecimento da sua, digo, sua estrutura legisferante em favor do fortalecimento do poder executivo.

Mas, vejamos o seguinte: sociologicamente existe as chamadas gerações. Hoje predomina uma geração seguida e entremeada pela geração seguinte e assim sucessivamente. Na ciência política também este fenômeno deve ser respeitado. Porque, hoje fazem política gerações "X", amanhã virá fruto da geração "Y", consequência das faixas etárias e da própria lei da natureza. A escolha dessas gerações políticas obedece à qualidade decorrente da quantidade e a elite, formada automaticamente pelo processo eleitoral, se coloca entre a base e o ápice da pirâmide. E quem está no vértice pode ser aquele que teve seu princípio na base para que, naturalmente, possa compreender a origem dos seus governados. Esta é uma regra natural, porém, com suas exceções, que no caso viriam confirmar a regra.

Voltemos, após esta necessária divagação, ao centro do nosso tema: o estudante visto sob o ângulo do desenvolvimento da política.

Desde a revolução de 1964 o estudante tem sido alvo de todas as atenções do governo, que, em suma tem a infiltração de ideologias contrárias a pretensa democracia: por exemplo a infiltração comunista. E, fruto deste receio, fruto de certos movimentos estudantis baixaram-se normas amordaçando a liberdade do estudante ao mero banco escolar, para que o mesmo apenas tivesse a sua frente a visão dos livros permitidos e de cunho educacional.

Essa atitude governamental e revolucionária criou uma classe de estudante quase que completamente alheia e desinteressada dos graves problemas do país. Criou-se praticamente um estudante brasileiro máquina eletrônica da nação. Isto porque apenas resolveram conceder um estudante preocupado com seus

estudos e um estudante medroso de opinar, de participar mais livremente, de fazer transparecer suas idéias inovadoras.

Sou contra qualquer forma de violência, de atitudes imaturas e animalescas estudantis para a conquista de seus objetivos. Sou realmente contrário a esta forma de agir. Mas, não posso conceber que a idéia, o pensamento, a evolução da vida política que, basicamente está latente na juventude, não possa ter o sagrado direito de se libertar e de se externar para que todos saibam que ninguém é senhor absoluto da verdade. Sem renovação qualquer poder cai por terra, sem renovação não se concebe a procriação evolutiva, sem renovação não existe qualquer crescimento industrial, comercial, educacional... e muito menos poderá o país acelerar seu desenvolvimento, se as classes pensantes forem sendo abafadas por leis absurdas de censura, esmagando a própria liberdade de ser e de pensar.

As universidades nos países desenvolvidos, basta citar a França, são muitas vezes responsáveis pelas maiores descobertas no campo da ciência química, da ciência física, biológica, nuclear, social e até política. As universidades devem ser o campo de debate aberto, livre e democrático. Ninguém tem o direito de tolher no ser humano e consciente do universitário sua vocação pela po-

lítica, a verdadeira política do seu país. E, quando isto acontece, o país pode ficar sujeito a convulsões internas até perigosas, porque a força pode gerar outra força, a escravidão pode querer exigir a liberdade de uma maneira irracional e descontrolada. Então que a tirania não se justifica. O que justifica é a Democracia sem vícios de demagogia, é a Democracia responsável.

A liberdade responsável, justa e perfeita, pode gerar a luz, após o debate, transformando-se em sábias decisões. E se estas decisões, ainda assim, forem violentas, a própria liberdade da democracia tem amplas armas de combatê-las com sucesso.

Para que o processo político some ao país forças construtivas é preciso acreditar na classe estudantil, que nada mais significa senão a soma de nós mesmos, a soma dos nossos filhos, a soma dos mais sagrados objetivos político-econômico-sociais.

Que a base da pirâmide sustente todo o seu peso em apoio aos que democraticamente conseguem o brilho das luzes mais elevadas e mais fortes, num sentido de um retorno político que atenda esta mesma base com ampla liberdade, não olvidando os princípios da igualdade e tentando unir forças de compreensão para o alcance da plena justiça e da perfeição social.

